

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

NOVOS OLHARES PARA O MUNDO ANTIGO: INTERVENÇÕES EM SALA DE AULA REALIZADAS PELA EQUIPE PIBID HISTÓRIA UENP

Luís Ernesto Barnabé¹

Resumo: A presente comunicação pretende esboçar algumas reflexões a partir das intervenções realizadas em turmas de Ensino Médio e Fundamental pela equipe PIBID/História-Uenp, com atividades referentes aos conteúdos de História Antiga. Tais intervenções tinham como objetivo promover enfoques para o tema que acompanhassem as revisões paradigmáticas ocorridas no campo historiográfico, mas que nem sempre estão presentes na sala de aula.

Palavras-chave: Formação Docente. PIBID. Ensino de História Antiga

Introdução

Desde a segunda metade do século XX, a História Antiga sofreu bruscas transformações paradigmáticas que refletiam de certo modo o cenário mundial do pós II Guerra e do processo de independência das ex-colônias européias. Conceitos eurocêntricos, como Ocidente, passaram a ser questionados, o que obrigou uma viragem em busca de uma História Antiga que não mais explorasse “a grandeza” de gregos e romanos, mas sim a correlação cultural estabelecida entre as populações do mundo antigo mediterrânico. Tal viragem paradigmática ampliou as perguntas, os objetos e conseqüentemente a concepção de fontes históricas, o que resultou em uma aproximação profícua entre historiadores e arqueólogos.

1518

O próprio termo História Antiga passou a ser questionado e no caso brasileiro, o próprio sentido de “nossa primeira história” foi contraposto à identificação de um projeto consciente das elites brasileiras do século XIX, que, comum à época, buscava alinhar o país nos trilhos do progresso da civilização ocidental cristã (GUARINELLO, 2014, p.7). Como conseqüência, é possível observar que em nossa sociedade se consolidou uma memória social acerca da versão eurocêntrica de História Antiga, da qual compartilha a cultura escolar.

Ao considerarmos que os livros didáticos estão imersos na cultura escolar e na cultura da sociedade, uma vez que fazem parte dela e ao mesmo tempo a alimentam, é possível projetar a concepção de História Antiga presente neles para todo escopo da cultura escolar: para a prática docente, para as orientações curriculares oficiais e também para a própria expectativa dos alunos em relação ao tema. Na análise feita por Gilvan Ventura da Silva e

¹ Professor Assistente do Curso de História da UENP, Campus Jacarezinho. Mestre em História pela Unesp/Assis. luis.ernesto@uenp.edu.br

Ana Teresa Gonçalves acerca das abordagens dos livros didáticos acerca da História Antiga há duas tendências comuns:

a) abranger de forma panorâmica todas as civilizações antigas orientais e ocidentais, ou b) buscando aproximar o mundo contemporâneo do passado, remete-se o aluno a uma procura de origens de certas instituições atuais, ressaltando-se o valor das civilizações grega e romana; e vêem-se as origens do teatro na Grécia, do direito em Roma, da democracia no mundo grego Clássico, da reforma agrária na República Romana, como se o que existisse hoje fosse um mero prolongamento do que houve no passado (SILVA & GONÇALVES, 2001, p.127-128).

Em documentos oficiais é possível encontrar indicações de renovação paradigmática no trato dos conteúdos: como o PCN de História (2001, p.46) “favorecer o conhecimento de diversas sociedades historicamente constituídas, por meio de estudos que considerem múltiplas temporalidades”. No entanto não existe uma menção direta acerca do modo como abordar a História Antiga, mas apenas sugestões de conteúdo, como se verifica tanto no nos eixos temáticos propostos pelo PCN História (2001, p.59-61, p.71-73) como nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná: História (2008, p.91-93).

1519

Diante de tal cenário, é muito provável que a História Antiga trabalhada em sala de aula não enverede para uma história-problema, ficando refém de *lugares de memória historiográficos*, ou seja, abordagens e conceituações que remetem a uma tradição narrativa que se sedimentou na cultura escolar: enfoque no conceito de ascensão e queda de impérios, análises estanques, que consideram fatos políticos e militares, economia, religião, sociedade, como categorias separadas. Por isso da importância de se buscar novos olhares para o mundo antigo, uma vez que o contato com experiências humanas de sociedades que viveram literalmente antes de Cristo ampliam nossa percepção temporal. Para darmos um exemplo mais concreto, a abordagem de sociedades anteriores ao cristianismo contribui de maneira significativa no enfrentamento a posições fundamentalistas de nossos dias, principalmente no campo religioso ao estimular os alunos a refletirem acerca do contato constante entre práticas religiosas sob um Mediterrâneo cada vez mais integrado.

Desenvolvimento

Tendo em vista tais questões, as atividades de intervenção nos dois colégios atendidos pelo Pibid História Uenp foram planejadas no sentido de se estabelecer um diálogo entre universidade e escola, de inserir os bolsistas de graduação do Pibid na Cultura Escolar e

possibilitar ao mesmo tempo, aos professores supervisores um contato com leituras que eles não tiveram durante a formação, para assim estimular novos olhares para o mundo antigo no ambiente escolar.

Os temas das intervenções foram definidos de acordo com o planejamento dos professores supervisores para o ano letivo e foram elaborados com a preocupação de adequar as atividades à faixa etária dos estudantes, de 6º ano do Ensino Fundamental e 1º Ano de Ensino Médio.

Com as turmas dos 6º Anos do Colégio Luiz Setti, o foco das atividades sempre foi inserir o lúdico como estratégia para tentar captar o interesse dos alunos. Na intervenção “A Escrita na Mesopotâmia”, utilizou-se massa de modelar para imitar os tabletes utilizados na escrita cuneiforme. Os alunos puderam interagir com o material e imaginar como se executava o ato de escrita. Também foi elaborado um rolo, com desenhos em alto-relevo, para reproduzir as impressões em série utilizadas pela burocracia estatal. Para a intervenção seguinte, “Urbanização da Mesopotâmia”, foi produzida uma peça de teatro com fantoches de vareta adaptando-se o mito de Dumuzi e Enkidu para discutir a questão do sedentarismo e do nomadismo. Foram ainda analisados trechos do código de Hamurabi presentes no livro didático da turma (BOULOS JÚNIOR, 2006, p.85) com o intuito de demonstrar a importância das leis escritas e também como estas são reflexo das necessidades e problemas enfrentados em uma vida em sociedade.

1520

A intervenção “Camponês Egípcio” se pautou na leitura do texto de Caminos (1994) que possibilitou a produção de material didático. A utilização de um texto acadêmico tornou-se pertinente na medida em que trouxe elementos como aspectos do cotidiano dos camponeses em termos de condições de moradia e intensidade de trabalho, muitas vezes ofuscada pela expressão de Heródoto sobre a dádiva do Nilo. Nesse sentido, tentou-se mostrar como o esforço coletivo organizado nem sempre era a garantia de abundância e não de fome; e a relação com o mundo natural nem sempre poderia ser previsível. Em “Uma Beleza de Questão”, inspirada em atividades propostas pela coleção Projeto Araribá (APOLINÁRIO, 2009, p.178-185), se pretendia trabalhar o conceito de beleza entre os gregos e nossa sociedade. Após a teatralização do mito de Narciso, se analisou o conceito de beleza em estátuas gregas. Em seguida foi abordada a busca pelo ideal de beleza em nossa sociedade, a partir da exibição de fotos de personalidades e como contraponto, os quadros do pintor colombiano Fernando Botero.

Entre as turmas do Ensino Médio, houve a preocupação de conceituações em níveis mais complexos, o que exigiu da equipe de bolsistas uma preparação maior, com mais leituras, para a elaboração das intervenções. A primeira intervenção “Conceito de Trabalho” teve como base teórica o texto de Marlena Chauí que prefacia uma edição do texto de Lafargue (1999). A autora reconstrói toda trajetória do valor do trabalho das sociedades grego-romanas até o momento da revolução industrial. Além disso, se discutiu sobre a relação da evolução das ferramentas (e máquinas) ao longo da história com a necessidade de se trabalhar em nossa sociedade. Os alunos foram estimulados a escrever sobre a previsão de Aristóteles de que um dia os fusos e as rocas poderiam fiar e tecer sozinhos.

O tema mitologia grega foi desdobrado em duas intervenções. Na primeira, “mitologia e Atualidade”, tendo como base as discussões acerca do conceito de apropriação do mundo antigo em nossa sociedade, foi produzida uma intervenção com vários elementos, imagens e nomes do mundo grego que podem ser encontrados em nossa sociedade em marcas esportivas, filmes, automóveis, etc. A questão que norteou tal procedimento foi refletir sobre os usos que se fazem dos aspectos da Antiguidade, a potencial legitimação que eles podem conferir a um produto ou idéia. Na intervenção seguinte, “Guerra de Tróia”, com o intuito de se trabalhar com de maneira mais conceitual o mito de Tróia, os bolsistas produziram uma peça teatral baseada no texto de Vernant (2000): *O universo, os deuses, os homens*, que entre outros pontos demonstra que como os gregos se relacionavam com os deuses, na medida em que quando estes últimos se viam em problemas, transferiam responsabilidades para os primeiros, que padeciam em guerras e epidemias. Previamente, havia sido pedido para os alunos assistirem o filme *Tróia*, de W. Petersen (2004), o que possibilitou ao final da intervenção, discutir como o filme é uma leitura do mito com um olhar contemporâneo, que, por exemplo, não inclui os deuses na trama do mesmo modo que um grego antigo faria. A peça teatral foi executada com os alunos do colégio em forma de leitura dramática: cada aluno interpretaria um papel, sem ensaio prévio, e assim, todos seriam atores e espectadores ao mesmo tempo.

1521

Conclusão

Após este percurso, podemos ponderar algumas questões. A receptividade da equipe do Pibid entre as turmas seria um primeiro ponto a ser destacado. A estratégia das intervenções demonstra que foi possível atrair o interesse dos alunos pela História Antiga,

seja pelos aspectos lúdicos e de interação obtidos com as atividades da leitura dramática ou da confecção de tabletes mesopotâmicos com a massa de modelar.

Nas intervenções expositivas, a tentativa de aproximação do conteúdo com a realidade dos alunos também deve ser destacada. A abordagem sobre o camponês egípcio em uma sala composta por muitos alunos que residem na zona rural estimulou muitas perguntas e comentários a respeito do próprio cotidiano dos pais. Do mesmo modo, o tema da beleza entre os gregos atraiu principalmente as meninas, e permitiu discussões sobre ditadura de padrões de beleza, bulimia e anorexia e *bullying*.

Ainda assim, quando analisamos o material produzido pelos estudantes, fica evidente como há dificuldade em se expressar pela escrita. Foi recorrente a preocupação deles se os textos produzidos estariam certos – no sentido de serem penalizados com nota baixa; e também a preocupação em escrever literalmente o que tinha sido explicado, o que demonstra como processos criativos e de autonomia ainda são pouco estimulados. Isso é importante pois, mostra aos nossos bolsistas uma realidade escolar pelo prisma de professores; e ao mesmo tempo configura-se como um desafio que amadurece a equipe do Pibid como um todo: coordenador, professor supervisor e alunos de graduação.

1522

Referências Bibliográficas

- APOLINÁRIO, M. R. (Ed.) **Projeto Araribá: História**. Obra coletiva. 6º ano. SP: Moderna, 2009.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História: Sociedade & Cidadania**. 5ª série. SP: Editora FTD, 2006.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História**. Brasília: MEC, 2001.
- CAMINOS, Roberto. O Camponês. In: DONADONI, Sergio. (dir.) **O homem egípcio**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. Introdução. In: LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. SP: Hucitec; UNESP, 1999.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2013.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: História**. Curitiba: SEED, 2008.
- SILVA, Gilvan. Ventura. & GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Algumas reflexões sobre os conteúdos de História Antiga nos livros didáticos brasileiros. **História & Ensino**. Londrina, v. 7, 2001. (p123-142). Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12313>> . Acesso em: 30 jun. 2014.
- TROY. Direção de Wolfgang Petersen. Roteiro de David Benioff. Intérpretes: Brad Pitt, Eric Bana, Orlando Bloom, Diane Kruger. Los Angeles: Warner Bros, 2004, 1 DVD (163 min), widescreen, color.
- VERNANT, Jean-Pierre. **O universo, os deuses, os homens**. Companhia das letras. São Paulo. 2000